

# LEITURA LITERÁRIA E INTERCÂMBIO DE IDENTIDADES: UMA

## EXPERIÊNCIA DE LEITURA EM SALA DE AULA

Adalberto Teixeira RODRIGUES  
(Universidade Estadual da Paraíba)

Ana Camilla da SILVA RODRIGUES  
(Universidade Estadual da Paraíba)

### Introdução

A literatura às vezes se utiliza de recursos cujos propósitos passam despercebidos pelo leitor que ainda não apreendeu, pelo refinamento do olhar, o significado de determinados elementos presentes no texto. Um desses recursos é, propositalmente, a construção de identidades problemáticas de muitos dos personagens envolvidos nas narrativas ficcionais. Stuart Hall (2006) denomina este fato como identidades fragmentadas, fenômeno do mundo moderno. Lembremos aqui alguns casos como em “A última Crônica”, de Fernando Sabino, na qual “um casal de pretos” entra num botequim acompanhado “de uma negrinha de seus três anos”; a ausência de identidade nominal, nesse caso, dissolve os personagens num drama social, numa situação de exclusão dos bens que lhes poderiam garantir o mínimo de dignidade, consequência também das condições étnicas, que respaldam, ainda nos tempos atuais, aspectos comportamentais de uma sociedade marcada pela eugenia racial, isto é, pela ideia da superioridade da raça branca, evidenciando o preconceito a que grupos minoritários e de origem étnica diferentes, considerados inferiores, são submetidos e, por conseguinte, condenados à exclusão social. Nesse sentido, o texto provoca no leitor uma necessidade de reflexão em torno dessa problemática social. Esse mesmo fato ocorre em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, no qual as duas crianças aparecem constituídas de identidades problemáticas, ou, no mínimo, uma identidade frágil. Afinal, “O menino mais velho” e “O menino mais novo”, títulos homônimos de dois capítulos desse romance de tensão social, não os distinguem enquanto sujeitos com individualidades; na verdade, eles simbolizam a situação de milhares de crianças nas mesmas condições de exclusão. Para Stuart (2006, p. 12), são identidades, “algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Em outros casos, a identidade, se é que se pode chamar de identidade, tamanha a nulificação de acesso à dignidade, é tão frágil que a personagem se coletiviza com a mesma força das personagens anteriores. Outro

exemplo disso encontramos em “Poema Tirado de uma Notícia de Jornal”, de Manuel Bandeira, texto que revela muito sobre a condição de identidade dos excluídos, dos marginalizados social e economicamente; “João Gostoso, carregador de feira livre” não é, senão, identidade marginal, condição de quem está à margem dos bens produzidos. A identidade de João Gostoso o relega à condição marginalizada socioeconomicamente. Aspecto parecido também é verificado no poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, texto que universaliza o drama de um sujeito encurralado nas circunstâncias de um sistema ditatorial (década de 40 do séc. XX - Brasil), que o silencia e o nulifica socialmente. Nesse poema de Drummond, José representa uma situação, ao mesmo tempo, brasileira e universal. Essa problemática da identidade foi um dos pontos que os alunos / leitores chamaram atenção na leitura de *O vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, em 2009. Rosálio da Conceição, personagem do referido romance, em princípio, passa por uma cambiante vivência de identidades “inacabadas”, estendida, inclusive, ao lugar onde nasceu.

### **Os vazios<sup>1</sup> do texto e as pistas intertextuais**

O procedimento de leitura, em que os alunos / leitores atuam como sujeitos, permite que o aluno construa relações entre textos, evidenciando todo o seu conhecimento de mundo e de leitura. Como afirma Cosson (2006, p. 80), “os requisitos de competência literária variaram, de maneira que exigem agora maior domínio de aspectos como o uso de referências intertextuais”. Evidência disso é que uma aluna percebeu e agenciou o preenchimento de uma pista deixada pelo texto

Lembra-se afinal de uma história que lhe contou o Bugre, enche os bolsos com punhados de brita e sai [...] Rosálio vai deixando um rastro de pedrinhas para marcar o caminho do regresso porque ainda não está pronto para soltar-se outra vez pelo mundo sem conhecer a volta.

(REZENDE, 2005, p. 12)

---

<sup>1</sup> Seguimos o pensamento de Iser (1979), retomado por Zilberman (1999, p. 83) segundo o qual, “os vazios” podem ser entendidos como “pontos de indeterminação de que a obra literária necessariamente se constitui”. Quer dizer, “personagens, objetos e espaços aparecem de forma inacabada e exigem, para serem compreendidos e introjetados, que o leitor os complete”.

O olhar acurado do aluno P detecta um dado importante, o fio que orienta Rosálio, para assegurar a volta para o espaço onde vive, evidenciando que “o bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo” (COSSON, 2006, p. 27). Nesse sentido, o aluno comenta

E quando ela vai olhar nos bolsos dele, só tem pedras. Ele tinha enchido os bolsos de pedrinhas que ele veio deixando por onde passou para não se perder na volta. Agora, eu não entendi é porque ele enche os bolsos de pedrinhas depois que se lembra de uma história que Bugre lhe contou.

A abertura para a socialização dos diversos olhares, das possibilidades interpretativas e a percepção de uma abertura semântica no texto levam o aluno a perguntar-se “por que ele enche os bolsos de pedrinhas depois que se lembra de uma história que Bugre lhe contou”? Se por um lado revela restrição de leitura de mundo por parte desse leitor, por outro mostra a necessidade de conhecer, de descobrir, de seguir as pistas deixadas na escritura textual.

Estas pistas textuais precisam ser preenchidas. Diante da pergunta, surgem hipóteses. Dentre as possíveis, há uma, mas não única, que melhor responde à inquietação desse leitor em relação às pistas deixadas e reconhecidas no texto. Nesse sentido, “compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros” (COLOMER, 2007, p. 143). Esse aspecto confirma-se na hipótese fornecida pela aluna M3

Eu acho que é a história de João e Maria. Talvez o Bugre tenha contado esta história. Maria e João foram buscar galhos secos no mato e resolveram brincar. Com medo de se perder, Maria teve a ideia de ir deixando pedacinhos de pão por onde passavam, quando resolveram voltar, os passarinhos tinham comido os pedacinhos de pão e eles foram parar numa casa muito bonita e com muita comida, mas era na verdade a casa de uma bruxa.

Silenciar essa interferência e sua socialização seria configurar um assassinato de toda uma história de leitura, de uma competência específica, que essa aluna apresenta. Seria podá-la naquilo que há de melhor na experiência de leitura que é dividir a magia das descobertas

empreendidas no texto e no universo das palavras, além de revelar a percepção das relações entre as diversas leituras que realizamos na vida (COLOMER, 2007). Essa relação intertextual que aluna faz de *O Vôo da Guará Vermelha* para com a história de *João e Maria*, em uma de suas versões, reaviva na aluna a experiência de leitura que antecede a vivência com o universo artístico do romance de Maria Valéria Rezende. Mas não é só isso, ativa nos outros o desejo inquietante de conhecer toda a história de João e Maria. Nesse sentido, forma-se uma cadeia de leitura. A interferência da aluna M3 é provocativa na medida em que desperta no outro o desejo de conhecer, bem como o desejo de contribuir na construção dos sentidos da obra.

São recorrentes os momentos nos quais os alunos perceberam as marcas de outros textos no romance de Maria Valéria Rezende. Quando o narrador se volta para a caracterização física de Irene, logo a aluna (M4) evocara “Tragédia Brasileira”, de Manuel Bandeira, texto que havíamos discutido no primeiro bimestre do ano letivo corrente: “Lembra também aquele texto de... como é... Manuel Bandeira, Tragédia brasileira que nós lemos. A história de Maria Elvira... “os dentes em petição de miséria”.

A ferida aberta no meio da cara de Irene, as pernas finas, a boca sem alguns dentes, trouxe de volta a imagem de Maria Elvira com “sífilis, dermite e os dentes em petição de miséria”. Remontar esse quadro significa perceber relações, ora entre textos, ora entre situações, ora entre imagens, ora entre autores de épocas diferentes. Transitar entre esses textos é significativo, pois revela experiência acumulada e capacidade para perceber e relacionar esses universos textuais. Outra aluna aproxima a condição física de Floripes, também personagem de *O Vôo da Guará Vermelha*, à de Irene: “A descrição física de Floripes aqui lembra o estado físico de Irene: ‘na cara seca, amarela, na boca faltando os dentes’” (2005, p. 93).

Foram costuras dessa natureza que possibilitaram uma leitura quase em mosaico, em que cada um contribuiu com uma peça para formar a grande colcha que é o resultado final da experiência. Se uma aluna percebeu a história de João e Maria, a outra destacou “Tragédia Brasileira”, é indício de que a leitura tem que ser um eterno “concerto de vozes”, porque é nesse concerto que todos podem ganhar, tanto na condição de leitores, quanto na condição de sensibilizar o olhar para o texto literário, enquanto recriação de experiências humanas inesgotáveis. Esse “concerto de vozes” pode ser entendido em duas perspectivas: primeiro, a participação coletiva dos alunos, socializando suas experiências, seus pontos de vista; segundo, a recuperação de outros textos, reatualizados de um ou outro modo, compondo um novo discurso, portanto, um novo texto. Observemos o passeio intertextual que a aluna K faz

comentando o capítulo “Cinzento e todas as cores”: “a história que Rosálio conta envolvendo Joana, Malvina e o cavalo misterioso<sup>2</sup> se parece com as do *AUTO DA COMPADECIDA* – inventadas. Como dizia Chicó: ‘não sei, só sei que foi assim’. Sem explicações”.

As pontes, nesse romance, parecem abundantes, sejam elas no conteúdo, sejam na forma. Quando Rosálio conta para Irene a história de João dos Ais e Floripes, marido e esposa, e desenha uma imagem de um homem centrado, compreensivo, humanizado ante as atitudes intempestivas de Floripes, o professor evoca o poema “Estrela da Manhã”, também de Manuel Bandeira, trabalhado no primeiro bimestre, e o faz porque as atitudes do eu lírico do poema, no que diz respeito à humildade, não diferem das atitudes de João dos Ais. Para materializar essa relação, a aluna G2 sugeriu a leitura do poema, que constava no módulo elaborado pelo professor e usado pela turma. Assim o fizemos:

### **ESTRELA DA MANHÃ**

Eu quero a estrela da manhã  
Onde está a estrela da manhã?  
Meus amigos meus inimigos  
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua  
Desapareceu com quem?  
Procurem por toda parte

Digam que sou um homem sem orgulho  
Um homem que aceita tudo  
Que me importa?  
Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites  
Fui assassino e suicida  
Ladrão, pulha, falsário

---

<sup>2</sup> Joana, Malvina e o cavalo misterioso aparecem no capítulo “Cinzento e todas as cores” deste romance de Maria Valéria Rezende e fazem parte da história contada por Rosálio em praça pública, logo após deixar de trabalhar como ajudante de pedreiro.

Virgem mal-sexuada  
Atribuladora dos aflitos  
Girafa de duas cabeças  
Pecai por todos pecai com todos  
Pecai com os malandros  
Pecai com os sargentos  
Pecai com os fuzileiros navais  
Pecai de todas as maneiras  
Com os gregos e com os troianos  
Com o padre e com o sacristão  
Com o leproso de Pouso Alto

Depois comigo

Te esperarei com mafuás novenas cavalcadas comerei terra e direi coisas de  
[uma ternura tão simples  
Que tu desfalecerás

Procurem por toda parte  
Pura ou degradada até a última baixaza  
Eu quero a estrela da manhã.

(*Estrela da Manhã*. In. Antologia Poética. Manuel Bandeira. 7. ed.  
Rio de Janeiro, José Olympio, 1974).

Após a leitura do poema, a aluna S2 comenta: “a sociedade cai em cima”. A fala dessa aluna expressa a postura de uma sociedade pautada na preservação de alguns valores culturais, que regula o comportamento das pessoas, segundo seus preceitos. O modo como esta aluna construiu a frase, marcada pela impessoalidade, escamoteia a possibilidade de dizer que ela é preconceituosa, mas evidencia que a sociedade o é.

As interferências por parte do professor também se fazem necessárias, porque assim, ele vai amarrando alguns pontos, acrescentando outros e assegurando que o caminho de leitura escolhido pelos leitores e apoiado pelo professor pesquisador é consistente. Nesse sentido, o professor pesquisador comenta que

João dos Ais tem uma capacidade de perdoar que quase ninguém tem. Ele sabe que o que Floripes faz é parte da fraqueza humana, não é por prazer; porque ela quer não, é a fraqueza humana. Ele é capaz de perceber isso, entender e perdoar. Isso que ele faz, extrapola os limites da natureza humana. (professor)

Mas é preciso dosar as interferências, de modo que elas não atrapalhem a leitura e a participação dos alunos. Acreditamos que o professor deve hesitar algumas vezes antes de interferir. Contudo, vez por outra, a solicitação do aluno é sinal de que é necessário. E é bom, porque revela a preocupação, por parte dos alunos, em não deixar pontos em obscuridade, como registra a aluna M3 diante dessa passagem do livro

Professor, essa frase me chamou atenção: “Deus trabalha como eu, talhando imagem de santo no tronco de uma jaqueira, num pedaço de pau-d’arco, empurrando a plaina e a goiva, fincando o formão sem dó, tirando lascas do tronco, fazendo o pau virar pó, até que fique no chão uma alcatifa de serragem, restando pouca madeira na estátua e sendo a beleza resultado mais da falta que da sobra” (REZENDE, p. 87). Essa parte aqui, eu... o que é isso? Eu não entendi direito.

Veza por outra, os próprios alunos ensaiam uma reflexão. Mas, nesse caso, todos ficaram calados, esperavam mesmo que o professor comentasse. Pensamos que quando interfere, como mediador, o professor precisa ser claro na reflexão em torno do ponto, de modo que o aluno capte e sinta a experiência, como acreditamos que foi essa interferência abaixo transcrita

a leitura aqui tem que ser feita a partir de uma percepção religiosa, espiritual, meio filosófica e poética até. Assim, podemos entender que ao lapidar se busca a essência, e é isso o que mais importa, na percepção de João dos Ais. No ser humano, não importa a casca, tirada essa parte, o que fica é essência. Importa a beleza interior, se quisermos dizer assim, porque aí está a grandeza do ser humano. O que fica, do ser humano, para Deus,

não são os defeitos (suas fraquezas - casca), mas as qualidades (essência). É assim que João dos Ais vê o ser humano. (professor)

Consideramos que essa relevante participação dos alunos, transitando por textos lidos antes dessa experiência, socializando suas percepções sobre o texto ou as situações discutidas revela que há uma maturidade em curso, que é resultado de um processo contínuo de leitura literária, com discussões, debates e compreensão. Com efeito, o papel do professor mediador, selecionando textos que possibilitaram esse caminho foi fundamental para que a experiência resultasse bem sucedida.

Tomando a inquietação da aluna, quando afirma não ter entendido, é sinal do interesse em desvendar detalhes que podem parecer sem importância. Todavia, percebemos que o grau de complexidade da passagem destacada merece ênfase, pois o encadeamento de metáforas requer um olhar mais acurado para interpretar a simbologia das imagens suscitadas. É um momento de rara beleza poético-filosófica, “beleza resultado mais da falta que da sobra”. Poético no modo de dizer e filosófica na reflexão. É instante de sensível beleza interior, de identificação do processo de crescimento do ser humano enquanto leitor e enquanto sujeito social.

### **Considerações finais**

Podemos dizer que da experiência de leitura integral do romance *O vôo da guará vermelha* ficou a absoluta certeza de que os caminhos de leituras do texto literário guardam surpresas para os que se aventuram nesse universo. Uma dessas surpresas foi a participação efetiva e consistente dos alunos, registrando suas experiências de leitura de mundo bem como intercambiando outras leituras literárias de autores diversos da literatura brasileira e universal.

Aos professores de língua e literatura fica o desafio de descobrir e intercambiar, com os alunos de ensino fundamental e médio, as múltiplas leituras que um texto pode propiciar e enriquecer conversas, debates, discussões, reflexões que muito contribuirão para a formação de leitores proficientes. Aspecto fundamental, merece ser destacado, é o fato de o texto literário ser o ponto de partida e o ponto de chegada, corroborando os pressupostos da análise literária de Massaud Moisés (1987).



## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *José e outros*. 9 ed. Rio de Janeiro; Best Seller, 2006.
- BANDEIRA, Manuel. Estrela da Manhã. In. *Antologia Poética*. 7. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974).
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*; tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL, *Orientações curriculares para o ensino Médio*. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2006.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- \_\_\_\_\_, *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Org. Liv Sovic; trad. Adelaine La Guardia Resende... (et all.) Belo Horizonte; Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HÉLDER, Pinheiro e NÓBREBA, Marta (Orgs.) *Literatura: da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006.
- ISER, Wolfgang. *A interação do texto com o leitor*. In: LIMA, Luis Costa (coordenação e tradução). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_, *O ATO DA LEITURA – Uma Teoria do Efeito Estético*. Vol. I. Trad. de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JOUBE, Vicent. *A leitura*; tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.
- JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luis Costa (coordenação e tradução) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_, O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, Luis Costa (coordenação e tradução). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1987.

PARAÍBA, *Referenciais curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 2006.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed.34, 2008. p. 192.

RAMOS, Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. 95 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

REZENDE, Maria Valéria. *O vôo da Guará Vermelha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SABINO, Fernando. A última crônica. In. *Para gostar de ler*, vol. 5. São Paulo: Ática, 1995.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.